



# “Antes que o mundo acabe”: espaço aberto para infinitas narrativas

*Ivan Sérgio Cunha Fetter\**, Porto Alegre

---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise da SPPA, v. 17, n. 3, p. 613-618, dezembro 2010 □ 613



*Apenas nós percebemos a nossa existência terrestre como uma trajetória dotada de sentido (significação e direção). Um arco. Uma curva que vai do nascimento à morte. Uma forma que se desdobra no tempo com um início, peripécias e um fim. Em outros termos: uma narrativa* (Nancy Huston, em *A espécie fabuladora*).

Sabemos bem, desde Freud, que a integração com as artes em geral enriquece o trabalho psicanalítico, desenvolve a sensibilidade e percepção do belo. Os psicanalistas sempre estiveram presentes e interessados nas atividades culturais. Nesse sentido, o convite para coordenar uma mesa na qual participaria Ana Luiza Azevedo, a diretora e roteirista do filme *Antes que o mundo acabe*, para conversar sobre o seu trabalho, por um lado foi estimulante, mas, por outro, colocou-me frente a uma situação inusitada: como contribuir para uma discussão sem ter visto o filme que ainda não estava disponível no circuito comercial? Normalmente lidamos com uma situação bastante cômoda, tendo uma fita disponível para rever cenas, diálogos, pensar sobre as emoções despertadas, etc. O que faz um psicanalista nessas condições? A solução foi ler o livro homônimo de Marcelo Carneiro da Cunha, como estímulo para poder pensar sobre este filme não visto, mas agora fantasiado. Não é assim que trabalha um psicanalista, usando a imaginação como fonte de inspiração e compreensão?

O encontro transcorreu da maneira esperada, com a cineasta revelando, do ponto de vista tanto intelectual como afetivo, o seu preparo, a sua capacidade de explorar um universo tão importante, o dos adolescentes em crescimento com suas vicissitudes. A descrição da escolha e trabalho com atores, as vivências no *setting*, as identificações com os personagens permearam a conversa. Para mim, havia uma expectativa quanto ao encontro de duas mentes, isto é, observar as convergências e divergências entre o filme imaginado e o filme criado pela autora. Na verdade, não houve grandes cesuras e o que havia me chamado a atenção na história de certa forma estava destacado no filme.

O enredo baseia-se na trajetória de Daniel, um adolescente vivendo intensamente conflitos de identidade no seu universo de cidade do interior. Os personagens vão assumindo os seus papéis: a mãe e o padrasto, a namorada indecisa, o amigo acusado de roubo e a expectativa de mudanças externas e internas. No entanto, ao contrário do livro no qual Daniel assume o papel de narrador, Ana Azevedo cria uma nova personagem: Maria Clara, a irmã mais moça que, com seu olhar crítico, descreve o drama à sua volta. Provavelmente, a visão feminina da própria cineasta gerou essa nova e importante personagem. A



visão da criança acompanhando o drama familiar lembrou-me muito o clássico “Shane” de George Stevens, um tema sempre presente na história do cinema.

O conflito central do adolescente é revelado quando surge uma carta, endereçada para ele, enviada por seu pai verdadeiro que mora em um lugar longínquo (um pai desconhecido, afetivamente distante) e que provoca uma situação de intensa ambivalência: jogar fora a carta ou abri-la para ver seu conteúdo? Nesse momento, destaca-se a figura do padrasto, no meu ponto de vista com um papel chave, que sugere cautela e preserva a carta até o momento de Daniel ter condições emocionais para abri-la.

Na função de coordenador do encontro, tentei fazer um contraponto de ideias, sempre pensando nas infinitas possibilidades de construção de uma narrativa. No entanto, passado o evento e organizando um texto para publicação, pude rever as minhas reflexões, tentando focalizar no que me pareceu mais importante, considerando o meu ponto de vista, ou seja, o ponto de vista de um psicanalista. Partí do pressuposto que, mesmo querendo conhecer, querendo interpretar a história, os personagens, nunca alcançaremos a sua essência. Apenas faremos suposições que nos auxiliam a descrever uma narrativa possível. Então, que ênfase daria um psicanalista frente a um estímulo tão rico de imagens e conteúdos metafóricos?

Poderíamos pensar em um texto básico, ou seja, que *Antes que o mundo acabe* tem a ver com a percepção da passagem do tempo, trata-se de uma narrativa que faz referência à globalização, à tendência de nivelar as pessoas em termos de pensamento, gostos e necessidades. Tudo isso como uma forma de negar a alteridade e a intersubjetividade e caracterizar uma sociedade basicamente narcisista.

Se pensarmos nas nossas origens, isso ocorre desde os primórdios da civilização, como sugere Freud (1913) em *Totem e Tabu*. Partimos de um pai primevo, narcisista, que submete os filhos e tem o poder sobre todas as fêmeas da horda. Poderia ser a representação de um estado de globalização primitivo, ou seja, todos têm de pensar e agir como o líder, não existindo individualidades. No entanto, os filhos, como grupo, conseguem se reunir para matar e comer o pai, criando as bases para o processo civilizatório: vínculos libidinais entre os membros do grupo de irmãos, culpa pela morte do pai, criação do totem como representante paterno e dos tabus, proibições para que a situação não se repita (parricídio e incesto, núcleo do complexo de Édipo).

Outra visão psicanalítica tem a ver com os detalhes do subtexto e propicia uma ponte com a nossa árdua e gratificante tarefa de entender os personagens,



construir narrativas e interagir intimamente com os nossos pacientes. Este filme, como obra de arte, pode ser um ótimo estímulo para isso.

Gostaria de voltar ao tema da carta, refletindo, penso eu, pelo menos duas situações importantes. A primeira envolve um problema da confusão de identidade, o reconhecimento das origens, de um pai que estava perdido no tempo e no espaço. É como se um objeto interno, aparentemente morto, surgisse para a vida, despertando uma série de emoções que a mente ainda não pode absorver e sentir. A segunda situação mostra a dificuldade do ser humano de lidar com o desconhecido, um objeto estranho que desperta angústia, gerando um grande dilema: ou o enfrenta, ou foge. Podemos aqui nos reportar às ideias de Bion (1967) sobre o uso da identificação projetiva realista, a importância de um objeto continente e o aprender com a experiência.

No nosso caso, o do filme, houve um final feliz, pelas condições pessoais de Daniel e, especialmente, pela presença de um personagem continente que descreverei logo a seguir. Houve a expansão da mente a partir de um fato novo (a carta) que causou intenso impacto afetivo, havendo a possibilidade de recuperar o objeto-pai perdido. Se isso não ocorresse, certamente haveria uma fuga para as drogas, para o sexo, para as perversões e ações destrutivas. No entanto, houve um despertar de curiosidade (pulsão do saber) que gerou a busca do conhecimento. Uma cena interessante e criativa mostra Daniel no computador e o espectador visualiza as palavras e frases que são construídas por ele, mas lendo no negativo, o que nos faz trabalhar o pensamento no sentido de entender os seus dilemas: as palavras que perduram formam um “Por quê?”, o estímulo para a busca da verdade.

Gostaria de discorrer um pouco sobre o personagem Antônio (o padrasto), citado anteriormente, cujo papel pode ser visto de vários ângulos interessantes. Ele é quem auxilia Daniel na sua difícil tarefa de lidar com os sentimentos gerados por situações novas e de intenso conteúdo emocional. Assume, muitas vezes, uma função materna de acolhimento e espera, demonstrando uma capacidade mental que propicia o crescimento do outro. Antonino Ferro (1999) descreve bem essa situação psíquica, citando as qualidades de quem assume esta função continente: capacidade de acolhimento, de deixar ficar, de metabolizar, de devolver o produto da elaboração e, especialmente, de passar o método. Isso se dá através da não-saturação do que é devolvido e a permissão de ir aprender na mente do outro.

O desenvolvimento mental, descrito por Ferro, envolve duas operações. A primeira é a de formar um pictograma visual, obra absolutamente criativa e artística e a segunda é a de colocar em narração a sequência de elementos criados.

A analogia com o cinema não é difícil de fazer, as fotos (pictogramas) são



colocadas em movimento, criando uma narrativa: o filme. Tudo isso passa pelo mental, que se ativa na relação com a mãe e o pai, ambos exercendo essa função de acolhimento. No filme, como obra de arte, os personagens são colocados em movimento com a ajuda da mente da diretora.

É interessante como a figura do pai vai sendo construída através das fotopictogramas que chegam por carta. Pedacos de imagens vão se unindo até criarem uma narrativa, a história dos pais, seus conflitos e vínculos amorosos. Esse registro de memória pode ser usado na capacidade de pensar e descobrir a verdade. Nesse sentido, as fotos têm um papel fundamental na questão da verdade e da mentira, na percepção do que não está lá. Recentemente tivemos a oportunidade de assistir ao filme argentino *O segredo de seus olhos*, em que a *verdade* é reconhecida através de fotos.

Aqui também podemos nos aproximar do modelo de trabalho psicanalítico que fica mais claro na cena descrita no livro. Em algum momento, Daniel percebe o que não estava nas fotos e procura Antônio para conversar. Queria uma resposta, “um jeito de saber o que tem que fazer quando não se sabe”. Antônio, que estava fazendo um patê, disse que “este tinha ficado um pouco apimentado demais, que na próxima vez ia saber como dosar o tempero”: “da próxima vez”. Daniel entendeu a mensagem: “a gente tem que fazer as coisas que a gente sabe que tem que fazer e depois a gente vê se acertou na dose ou não”. Este diálogo é um excelente modelo da função exercida pelo analista que usa uma metáfora que ajuda na expansão do pensamento do paciente, tendo uma influência direta na ação positiva que se seguiu no enredo do filme.

Finalizando, gostaria de agradecer a oportunidade de comentar um filme tão rico em conteúdo metafórico, certamente um espaço aberto para infinitas narrativas. As reflexões em torno da nossa cultura atual, que Ferro divide em “cultura da rêverie” e “cultura da evacuação”, mostram que o argumento do filme é a favor da primeira, pois a mente humana necessita da relação com o outro para se desenvolver, necessita de uma mente que compreenda e acolha. O excelente roteiro e a sensibilidade da diretora propiciam isso ao descreverem a necessária dor do crescimento e da busca da verdade, destacando a presença discreta e silenciosa daquele, cuja mente auxiliou o personagem a desenvolver a capacidade de pensar, de lidar com as perdas inerentes ao ser humano e ampliar a sua visão da realidade, externa e interna. □



Ivan Sérgio Cunha Fetter

---

## Referências

- ANTES que o mundo acabe. Direção: Ana Luiza Azevedo. Roteiro: Paulo Halm. Porto Alegre: Imagem Filmes, 2009. 102 min.
- BION, W. R. (1967). Uma teoria sobre o processo de pensar. In: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. (2000). *Antes que o mundo acabe*. Porto Alegre: Projeto, 2009.
- FERRO, A. (1999). *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FREUD, S. (1913). Totem e tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 13-191.
- SEGREDO dos seus olhos, O [El secreto de sus ojos]. Direção: Juan José Campanella. Roteiro: Juan José Campanella. Buenos Aires: Europa Filmes, 2009. 127 min.

Recebido em 10/12/2010

Aceito em 24/12/2010

### **Ivan Sérgio Cunha Fetter**

Av. Taquara, 564/301

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: ivanfetter@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA